

GT LITERATURA E SOCIEDADE

PLANO DE TRABALHO 2021-2023

PROPOSTAS PARA O BIÊNIO 2021-2023

1) REUNIÕES DO GT

1.1) Encontro on-line em 2021

Durante o simpósio do GT no XXXV ENANPOLL (2020), um eixo agregador de debates se mostrou especialmente relevante: a análise da produção literária e cinematográfica brasileira dos séculos XX e XXI em que as formas de desagregação e de violência tomaram o centro de interesse. As reflexões apresentaram uma preocupação contínua com o modo como essas formas de violência vêm se sedimentando em procedimentos técnicos e formais que se deparam com os impasses da representação do “outro de classe”, *os de baixo*, na nossa literatura.

Por isso, o encontro intermediário do GT – “Literatura, Cinema e Sociedade sob Estado de Sítio” – que ocorrerá de modo virtual entre 08 e 10 de novembro de 2021, tem a seguinte pauta, divulgada na chamada aos integrantes do grupo:

Em 1979, o crítico Roberto Schwarz publica um ensaio discutindo os pressupostos da “dialética da ordem e da desordem”, um movimento estrutural à sociedade brasileira, ligado na tradição cultural e crítica à figura do malandro, que havia correspondido, durante mais de século, a uma espécie de *ethos* nacional. Derivado da tradição folclórica (do *trickster*), e relido conforme à gravitação materialista de um crítico pioneiro, Antonio Candido, o malandro provém da sociedade escravocrata, na qual o homem livre pobre vive sem trabalho disponível. A capacidade de criar expedientes, com astúcia, transitando entre a “ordem (estabelecida) e a (dita) desordem”, a fim de sobreviver à margem da ordenação social, levou à aposta no modo peculiar de ser de uma sociedade menos rígida com relação à lei e às regras de comportamento, vocacionada a uma flexibilidade que a faria menos violenta do que as nações centrais do capitalismo. A partir das evidências trazidas pela lógica assassina, persecutória e amiga da tortura, posta em ata pelo regime civil-militar então em andamento no Brasil (1964-1985), Schwarz identifica a hora histórica em que as apostas nas ambivalências da “malandragem brasileira” afloram como ideologia da Ordem estabelecida, obrigando a rever, inclusive, as ilusões do ciclo nacional-desenvolvimentista brasileiro.

O encontro do GT propõe a discussão da literatura e do cinema brasileiros sob Estado de sítio, em obras produzidas de 1964 até o presente. Assim, trata-se de discutir, na literatura e no cinema, formas de representação da violência

como traço constitutivo da Ordem, de seus aparatos milicianos e de tortura; a precarização do trabalho desde o chamado “milagre econômico” produzido pela ditadura civil-militar; os fundamentos da modernização dependente; a passagem ao neoliberalismo e os limites do ideário da “formação nacional”; as apostas, equívocos, conflitos e contradições da esquerda, assim como a percepção do horizonte de genocídio do trabalho na nova acumulação mundial que se iniciava naqueles anos 1970. O objetivo é buscar caminhos de reflexão que ajudem a compreender a cooptação do imaginário popular e das formas de resistência à Ordem, que levaram a ultradireita novamente ao poder, agora pelas urnas, em 2018.

PROGRAMAÇÃO

Dia 08/11 – segunda-feira

Mesa 1, 09:30 às 11:30

Debatedora: Danielle Corpas (UFRJ)

Macunaíma-69: o chão de estrelas e as ilusões perdidas – Ana Paula Pacheco (USP)

Em entrevista a Geraldo Mayrink¹, Joaquim Pedro de Andrade, diretor do filme *Macunaíma* (19969), aponta para uma nova significação da antropofagia, que se sobrepõe à modernista, por assim dizer, revista pela passagem do tempo:

Todo consumo é redutível, em última análise, ao canibalismo. *As relações de trabalho, como as relações entre as pessoas, as relações sociais, políticas e econômicas, são ainda basicamente antropofágicas.* Quem pode come o outro, por interposto produto ou diretamente, como nas relações sexuais. *A antropofagia se institucionaliza e se disfarça.* Os novos heróis, à procura da consciência coletiva, partem para devorar quem nos devora, mas são fracos ainda.

Mais numerosamente, o Brasil, enquanto isso, devora os brasileiros. *Macunaíma* é a história de um herói brasileiro que foi comido pelo Brasil.

Nossa comunicação busca analisar, na recriação feita por Joaquim Pedro, a recuperação da aliança modernista entre vanguarda estética e cultura popular iletrada e socialmente rebaixada, entretanto numa direção diversa tanto das idealizações de integração do “brasileiro que nem eu”, de Mário de Andrade (do qual seu *Macunaíma* já se afastava melancolicamente, no final solitário em que o herói vira uma estrela de brilho inútil), quanto do movimento político e cultural do pré-1964, cuja força criativa, decepada dos aliados da classe trabalhadora, resistiu por alguns anos, perdendo impulso após o novo corte feito pelo AI-5. Por outro lado, o filme *Macunaíma* se afasta do tom geral pós-68, de decantação da derrota e do fracasso específico ao papel da intelectualidade brasileira (veja-se nesse sentido da decantação da derrota filmes como *O desafio*, 1965, de Saraceni, *Terra em transe*, de Glauber Rocha, entre outros).

Sem descartar as linhas de força presentes na articulação entre vanguarda [também política] e cultura popular, as quais ficam entretanto datadas pelos foros do riso, o *Macunaíma* de 1969 convoca à cena a crise de vários projetos de Brasil. A força da paródia,

¹ Entrevista para as páginas amarelas da revista *VEJA*, com o título “Comemo-nos uns aos outros”, reproduzida por Heloísa Buarque de Holanda, in *Macunaíma. Da literatura ao cinema*, Rio de Janeiro, 1978, J. Olímpio Editora, p. 31-36. Grifos meus.

ao passo que obrigada a tomar distância, coloca tais linhas de força perto do olho, enunciando o desejo de (ainda) aprender com seu fundo desbarbarizante, possivelmente noutra direção, a partir do enterro do nacional-populismo.

"Cabra marcado dá impressão de vitalidade e esperança. Como explicá-la?" – Paulo Maia (UFRJ)

Eduardo Coutinho é sujeito histórico, narrador, testemunha e historiador da imagem do passado no seu momento de perigo, às vésperas do abismo do golpe militar de 1964 no filme *Cabra Marcado para Morrer*. O cineasta reelabora o passado pelas marcas deixadas pelo hiato da ditadura sobre o presente em que constrói o filme como um "fio da meada" entre a interrupção do projeto de filmar a resistência das ligas camponesas e o fim da violenta tomada do poder pelos militares, para citar o conhecido ensaio de Roberto Schwarz (2002). Mas para fazer isso ele precisa inventar as memórias, a forma da narrativa e a forma de um procedimento, que depois se adensará nos projetos cinematográficos seguintes do cineasta. Então, como atribui Benjamin ao historiador crítico (1996), Coutinho retorna ao instante anterior à catástrofe para romper o *continuum* da história e nos fazer imaginar as diferentes encenações possíveis da história interrompida, versões àquela que conhecemos pelos fatos impostos pelo golpe. Como é preciso arrancar a tradição ao conformismo, Coutinho rememora a luta popular que pretendeu filmar em 1963 com os sobreviventes pobres em 1983. Juntar o que se dissipou para reavaliar as rupturas determinadas e as conciliações continuístas da classe dominante, ausente em *Cabra Marcado*, desenvolve na estética do cineasta uma ética da desprogramação narrativa, como aponta Consuelo Lins (2004), mobilizada no jeito de entrevistar e de narrar experiências.

Dia 09/11 – terça-feira

Mesa 2, 09:30 às 11:30

Debatedor: Fernando Gil (UFP)

Ainda o tema 1967: estética e intervenção no Brasil dos anos 60 e 30 anos depois – Homero Vizeu Araújo (UFRGS)

As promessas do nacional-desenvolvimentismo foram desfiguradas pelo golpe de 64 e vieram a configurar soluções e impasses devidamente explorados pela literatura, cinema, canção e teatro. Para expor os dilemas dos intelectuais em transe engajado e violento, os romances em causa seriam *Pessach*, de Carlos Heitor Cony, *Quarup*, de Antônio Callado, *O senhor embaixador*, de Erico Verissimo, e *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado. Mas vale referir também os contos de *Lúcia McCartney* (1967), de Rubem Fonseca, que já no título registra conteúdo pop a ser reelaborado no quadro cínico, violento e lírico dos contos. Também desponta pela direita Nelson Rodrigues, que trata de satirizar, em suas crônicas/contos, as atitudes e projetos da esquerda que se radicalizava. Nestes termos, há uma tensão notável no campo literário, que também explora o conflito talvez ainda mais evidente na canção e no teatro. Para efeito de contraste, sugiro examinar dois efeitos colaterais da modernização em colapso nas periferias, 30 anos depois: em 1997 surgem *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, e *Sobrevivendo no Inferno*, o álbum dos Racionais MC's. Trinta anos depois dos conflitos 67, as pretensões intelectuais então expressas podem ser relidas e reconfiguradas.

Os ovos da serpente e o espetáculo da violência: *Cidade de Deus* e *Gomorra* – Eleonora Ziller Camenietzki (UFRJ)

Esse trabalho é uma análise comparativa entre dois importantes filmes sobre a violência urbana realizados nos primeiros anos do século XXI, no Brasil e na Itália. Em primeiro plano, a motivação é investigar os modos de figuração das classes populares na literatura e no cinema, a violência e a marginalidade tornados espetáculo no cinema contemporâneo. Os filmes *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, baseado no romance com o mesmo nome, de Paulo Lins e *Gomorra* (2008), de Matteo Garrone, com roteiro adaptado do livro de Roberto Saviano, são fenômenos semelhantes, que permitirão discutir não só os modos de figuração da violência e seus problemas na transposição da linguagem literária/jornalística para a fílmica, mas podemos ter algumas pistas para entendermos a cultura e seus impasses contemporâneos. São filmes de grande repercussão internacional que incluíram *Scampia* e *Cidade de Deus* no mapa mundial, e que contrastavam radicalmente com todo o elenco de representações sobre a beleza exuberante das duas cidades (Nápoles e Rio de Janeiro). A violência estetizada e comercializada, a negação, a recriação e a figuração de estereótipos e de exotismos, assim como muitas outras questões que aproximam e afastam *Gomorra/Cidade de Deus*, mais do que problemas pontuais, podem se constituir numa pauta bastante produtiva para os dias de hoje.

Dia 10/11 – quarta-feira

Mesa 3, 09:30 às 10:30

Debatedor: Alexandre Pilati (UnB)

Biografia de tudo como forma narrativa neoliberal: da formação à biografia do Brasil – Wilson Flores (UFG)

A partir das últimas décadas do séc. XX, a biografia como gênero alargou seu escopo para muito além do ponto que a delimitaria: a narração da vida de um ser humano. No período regido pelo neoliberalismo, ainda que a designação *biografia* tenha sido mantida, o gênero ampliou muito sua gama de possibilidades, que passou a incluir a narração da “vida” de mercadorias, doenças, sofrimentos psíquicos, descobertas científicas, cidades, países. Livros como *The social life of things: commodities in cultural perspective* (1986), do antropólogo Arjun Appadurai, *Paris: biography of a city* (2006), de Colin Jones, e dois belos livros do médico oncologista indiano radicado nos EUA, Siddhartha Mukherjee, *O imperador de todos os males: uma biografia do câncer* (2012 [2010]) e *O gene: uma história íntima* (2016) são alguns exemplos bem distintos entre si da tendência mencionada. A proposta desta comunicação é discutir o livro *Brasil: uma biografia* (2015), de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling. A escolha, entre outros motivos, deve-se aos objetivos de: (1) interrogar o que seria escrever a biografia de um país inteiro e qual a justificativa para isso; (2) como a noção de biografia pode ser aplicada à compreensão histórica de uma nação; e, sobretudo, (3) como compreender a mudança conceitual existente entre as sínteses realizadas ao longo do século XX sobre o Brasil – que operavam com noções como *formação, evolução, sentido* – e o uso da noção de *biografia* para uma obra que, ousadamente, procura retomar e reivindicar a tradição das grandes sínteses num momento (meados da segunda década do século XXI) em que elas parecem – ou são de fato – impossíveis de realizar por questões de ordem histórica e devido a relações materiais específicas ligadas à (ir)racionalidade neoliberal.

1.2) Reunião organizativa em 2022

A chamada para o simpósio do GT no XXXVI ENANPOLL será definida em reunião de planejamento do GT, agendada para janeiro de 2022. Além de estabelecer os eixos de discussão para o evento, serão discutidas propostas de colaboração entre integrantes do GT que venham a proporcionar maior integração entre pesquisadores e instituições por meio de trabalho coletivo, ampliando as perspectivas de intervenção crítica do grupo no debate público.

1.2) Simpósio no XXXVI ENANPOLL (2022)

2) PUBLICAÇÕES DO GT

2.1) Revista ou canal do GT

Na reunião de planejamento agendada para janeiro de 2022 será discutido projeto para lançamento de veículo on-line que proporcione maior visibilidade para os trabalhos do grupo, funcionando ainda como polo agregador de projetos coletivos a serem desenvolvidos pelos pesquisadores.

2.2) Livro de ensaios

Está prevista a publicação, em 2023, de livro reunindo ensaios de integrantes do GT e de convidados que sejam relacionados aos eixos de discussão trabalhados no biênio. Para isso, serão solicitados recursos do PPG em Ciência da Literatura da UFRJ, além de verba de agências como FAPERJ.

3) OUTRAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO GT

Por enquanto, estão previstas duas atividades resultantes de articulações entre membros do GT.

3.1) Simpósio on-line “A literatura no cinema brasileiro contemporâneo” – 1º Congresso de Literatura e Cinema / 23º Congresso de Estudos Literários da UFES – 18 a 20 de outubro de 2021

Simpósio coordenado por 3 membros do GT (Adilson Mendes, Ana Paula Pacheco e Danielle Corpas), com a seguinte chamada:

É enorme a força de atração da literatura sobre o cinema. As primeiras adaptações de textos literários surgiram pouco depois do próprio cinema, a noção de autoria ajudou a consolidar a “sétima arte” enquanto indústria, a voz do comentador e os intertítulos definiram o cinema silencioso, enquanto a voz do comentário – no documentário e na ficção – tornaria célebre a figura do narrador verbal, ou mesmo os diálogos de uma grande parte da produção. A presença do texto, de convenções narrativas, a centralidade da fábula, para além da noção tradicional de adaptação, informam sobre as diversas práticas e formas de fecundação recíproca de textos e filmes, a busca por formas híbridas, que superam o exclusivamente “literário” e o específico “cinematográfico”.

O simpósio discute o trânsito entre literatura e cinema por meio da observação de manifestações cinematográficas brasileiras contemporâneas, de 2000 ao presente. O desenvolvimento de formas de produção em bases econômicas mais consistentes transformou o cinema brasileiro recente em uma expressão plurirregional, com formas, estilos e gêneros variados. Tal quadro significativo para a produção permite sua análise para além do campo exclusivo do audiovisual. Neste sentido, o seminário se propõe a investigar:

- o trânsito entre linguagens,
- a transposição e o uso de procedimentos artísticos,
- o intercâmbio de conceitos teórico-críticos,
- a colaboração entre escritores e cineastas,
- o tratamento de problemas historicamente centrais na experiência social brasileira, como autoritarismo, racismo, machismo, trabalho precário, diversas modalidades de violência.

Diante da ameaça de desmonte das atuais formas de produção audiovisual, o simpósio analisa aspectos da produção do cinema brasileiro contemporâneo e convida para novas abordagens críticas.

3.2) Seminário on-line “Novos debates 2021: história da literatura” – Grupo de Pesquisa Formação do Brasil Moderno (Diretório CNPq) – 25 a 27 de outubro de 2021

O seminário põe em discussão 3 livros no campo da história da literatura, recém-lançados – *Leituras em constelação: literatura traduzida e história literária* (Karina Lucena); *Duas formações, uma história: das Ideias fora do lugar ao Perspectivismo ameríndio* (Luis Augusto Fischer); *A matéria rural e a formação da romance brasileiro: configurações do romance rural* (Fernando Gil). Contará com participação de 6 integrantes do GT (Antonio Marcos Sanseverino, Carlos Augusto Leite, Danielle Corpas, Fernando Gil, Homero Araújo, Luis Alberto Alves).